

O CAPITALISMO DENTRO DO ESPAÇO DA OBRA “ORGULHO E PRECONCEITO” DA AUTORA JANE AUSTEN

Valéria Costa Nascimento¹

Igor Aquino de Pinho²

RESUMO

O Sistema Capitalista vem se consolidando cada vez mais como sistema financeiro no cenário político-mundial. A sua influência atravessa não somente o grande mercado econômico, mas também, entra na transformação comportamental da sociedade desde a sua formação. A busca pela obtenção de lucros e, conseqüentemente, o enriquecimento, desencadeou mudanças na forma de pensar e agir das pessoas. No início, entre os séculos XV e XVIII, as transformações sociais atingiram principalmente na formação das famílias, já que o casamento era visto, nesse período, como mais uma transação comercial. Desenvolvemos um estudo acerca da influência que o Sistema Capitalista teve em relação ao casamento, ao preconceito entre as classes e o papel assumido pela mulher no mercado de trabalho dentro da obra da autora Jane Austen, “Orgulho e Preconceito”. Diante dessa situação, utilizamos a metodologia básica de abordagem bibliográfica, analisando trabalhos que abordam tanto o conceito e a formação do Capitalismo como também a maneira em que a sociedade foi se adequando a tal sistema. Depois disso, procuramos comparar a realidade do Sistema Capitalista e o comportamento da sociedade da época com a obra da autora já citada. Isso indica que, com a ascensão do Capitalismo, as transformações nas atitudes daquela sociedade foram sendo alteradas. Apesar de esse estudo ter um caráter de investigação preliminar, depreendeu-se que, para entendermos a construção do livro Orgulho e Preconceito, se torna indispensável a compreensão dos elementos da influência do capitalismo em meio às características da sociedade em análise.

Palavras-chave: Sistema Capitalista, Sociedade, Comportamento, Preconceito.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo destacar as características do Sistema Capitalista como modificador dos comportamentos socioeconômicos da sociedade da época descritos na obra “Orgulho e Preconceito”, escrito em 1813 da autora Jane Austen. Sabendo-se que a autora fora influenciada pelas atitudes dessa sociedade, é descrito em seu romance as diversas transformações comportamentais que, através da aceitação do Capitalismo como sistema financeiro, modificaram os conceitos de riqueza, de casamento e de preconceito entre classes.

O Sistema Capitalista influencia a vida social e econômica da sociedade mundial desde o início de sua formação. Segundo Marina e Tércio (2009, p.71), com o

¹Especialista pelo curso em Ensino da Língua Inglesa da Universidade Regional do Cariri - URCA, valeriacostanascimento@gmail.com;

²Mestre pelo Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri - UFCA, igoraquinodepinho@gmail.com.



desenvolvimento da atividade comercial, no final da Idade Média (entre os séculos XII e XIV), as potências europeias passaram a se preocupar com a acumulação de capital, ou seja, com o lucro. A partir daí, esse novo modelo econômico foi se desenvolvendo ao longo dos séculos e incorporando novas atividades, como a indústria e o sistema financeiro. Com os objetivos de acumulação de riquezas e, conseqüentemente, a ascensão social, esse sistema vem modificando os hábitos das pessoas desde então.

A sociedade burguesa moderna surgida a partir da derrocada da sociedade feudal não se livrou dos antagonismos de classe. Apenas estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas da luta no lugar das antigas (Marx; Engels, 2022, p.28).

A busca pelo poder influenciava nas transações comerciais. Nenhuma negociação era feita se não fosse apropriada para o negociador e o negociante. Porém, não somente objetos eram considerados meios para a busca de lucros, um bom casamento também proporcionava uma maneira de comercializar e obter vantagens. Marx e Engels (2022, p.41) comentam que “a burguesia arrancou das relações familiares seu véu comovente e sentimental e as reduziu a uma pura relação monetária”.

A partir desse contexto, uma problemática nos é apresentada: de que maneira a representação do Capitalismo na Literatura Inglesa da Era Vitoriana revela sua influência além da esfera econômica, penetrando nas estruturas familiares e redefinindo seus papéis, conflitos e aspirações sociais?

Para responder a essa problemática, é fundamental analisar uma narrativa produzida no contexto de consolidação do Capitalismo pós-mercantilista e da Revolução Industrial, cujos elementos textuais permitam explorar as tensões entre economia e dinâmica familiar. Nesse sentido, *Orgulho e Preconceito* (1813), de Jane Austen, emerge como obra paradigmática: ambientada no início do século XIX, ela captura a transição de valores em uma sociedade rural em processo de modernização, onde questões como herança, casamento e mobilidade social refletem a penetração da lógica capitalista nas relações privadas.

Inicialmente, foi exposto, neste estudo, o surgimento do Capitalismo, o seu desenvolvimento ao decorrer do tempo e como modificou as formas de pensar e agir da maior parte das pessoas no mundo. Depois, foi discutida a posição das famílias diante do casamento no século XVIII, tratando os noivos como mercadorias valiosas para acúmulo de riquezas e fortalecimento de alianças com a finalidade de fixar mais poder sobre o



mercado. E, por fim, analisamos o aumento do preconceito social entre classes de poderes aquisitivos diferentes.

As condições de vida da velha sociedade já foram dizimadas nas condições de vida do proletariado. O proletariado é despossuído; sua relação com mulher e filhos nada tem mais em comum com a relação familiar burguesa (Marx; Engels, 2022, p.51).

A pesquisa tem por objetivo central de descrever o sistema financeiro capitalista dentro da obra “Orgulho e Preconceito” da autora Jane Austen, com objetivos específicos sendo: I- descrever e criticar o contexto social da obra e sua influência nos personagens e na narrativa; II – observar o papel das festas burguesas frente à luta de classes interna ao romance; e, III- analisar o casamento como elemento central da perpetuação da aristocracia inglesa do século XVIII.

Este estudo se justifica na urgência de entender os processos da formação familiar burguesa e proletária durante a Revolução Industrial inglesa a partir das transformações sociais em uma sociedade permeada pela consolidação do Capitalismo, fundamentada na corrente histórico-dialética das novas estruturas de interrelações das classes. Neste estudo, utilizou-se o método bibliográfico com a leitura do livro e autores relacionados que conversam com as temáticas abordadas.

O SISTEMA CAPITALISTA E A OBRA DE AUSTEN

O contexto socioeconômico da época

O Sistema Capitalista visa o lucro e a acumulação de riquezas. As transações comerciais passaram a ter, desde o século XV, o interesse único de obter negociações positivas para o enriquecimento financeiro. Segundo Boligian e Alves (2004, p. 142):

O Capitalismo vem se consolidando como sistema econômico desde o século XV, quando algumas nações europeias iniciaram a colonização de outros continentes, impondo a diversas sociedades a lógica deste modo de produção, que é baseado na acumulação crescente de capital.

Na sociedade inglesa, na transição do sistema feudal para a sociedade do capital, houve o crescimento da formação de classes sociais, ricos e pobres, nas figuras da aristocracia e do proletariado. O comércio se tornou a principal atividade econômica do país, e o impulsionamento das novas tecnologias fabris permitiu o aumento do lucro para



os patrões e a sobrecarga laboral para os empregados. Como cita Fernandes (2020, p.47) “a ideia do progresso passou a ser associada às chaminés das fábricas”.

Esse contexto é denominado de Revolução Industrial. Esse período foi marcado, principalmente, pelo novo maquinário desenvolvido como as máquinas a vapor, o uso significativo de recursos naturais – dentre eles o carvão -, visando ao aumento da produção de mercadorias e, consequentemente, o lucro.

Esse conjunto de transformações teve início na Europa nos anos 1750 e se consolidou entre 1830 e 1850, aproximadamente. Essas datas demonstram que a invenção e a consolidação do mundo fabril não ocorreram do dia para a noite. Para que ele se concretizasse, diversos fatores contribuíram (Fernandes, 2020, p.47).

A sociedade fica dividida entre os patrões, aqueles aos quais pertencem os meios de produção, e os trabalhadores, que precisam vender sua força de trabalho, seja física ou mental, aos capitalistas em troca de uma remuneração para a própria sobrevivência. Devido a constante perseguição ao aumento de suas riquezas, os capitalistas repassam aos seus empregados uma pequena parte de seus lucros. Aproveitando-se também das necessidades diárias de subsistência dos trabalhadores, ofereciam salários baixíssimos, pois dificilmente aqueles proletários conseguiriam outro lugar para trabalhar, já que a mão de obra era abundante nessa época. Para Boligian e Alves (2004, p.142):

(...) Na maioria das vezes, a remuneração recebida pelo trabalhador não corresponde ao valor real do que ele produziu, ficando o capitalista com o excedente, isto é, com o lucro. Portanto, o aspecto que melhor caracteriza o capitalismo é a busca constante de lucros por parte dos proprietários dos meios de produção, que almejam a máxima acumulação de capital, sobretudo, da exploração da força de trabalho.

O sociólogo alemão Max Weber (1967) acrescenta, ainda, que a concepção religiosa do trabalho impulsionou o método capitalista, uma vez que o trabalho é visto como uma vocação e um dever cristão. Fernandes (2020, p.79) afirma que “o capitalismo promove a separação entre empresa e residência”, isto é, que as relações familiares e trabalhistas são permeadas pelo capital.

A romancista inglesa Jane Austen, inserida nesse contexto da Revolução Industrial, escreveu a obra “Orgulho e Preconceito” que é marcado também por essas relações interpessoais em um cenário de interesses capitalistas na qual as famílias se apropriavam dos acordos matrimoniais para manutenção da aristocracia em detrimento das classes sociais mais baixas, como menciona Nascimento (2012, p.3) “a unidade



familiar foi considerada através de uma vida moral, religiosa e econômica [...]”. Ainda podemos citar o seguinte trecho, na qual se discute a possibilidade de um casamento, como exemplificação desse cenário: “Se não lhe era permitido conquistar a minha afeição porque eu não tinha dinheiro, por que iria ele fazer a corte a uma moça de quem não gostava e que era igualmente pobre?”. (Austen, 2009, p.134).

Assim, o romance traz durante todo seu *plot* que todas as relações sociais são perpassadas pelos instrumentos do capital, nas quais são moldadas em favor dele, como aponta Byung-Chul Han (2015) ao discutir que a contemplação da vida é trocada pela frivolidade e pelos interesses do mecanismo do lucro. Segundo ele “as mais recentes evoluções sociais e a mudança de estrutura da atenção aproximam cada vez mais a sociedade humana da vida selvagem” (Han, 2015, p.20).

Jane Austen e o contexto do romance

O romance foi escrito no contexto das mudanças sociais e de trabalho da Primeira Revolução Industrial na Inglaterra, no século XVIII, caracterizando-se também pela transição de uma sociedade feudal para uma sociedade aristocrática capitalista – tema central das relações sociais da Era Vitoriana. Austen aparece nesse contexto ainda aristocrático, com o início da escrita pelas (e para) mulheres. Para Hobsbawm (2013, p.412) “as romancistas foram muito frequentes na classe média inglesa, onde essa forma de arte era considerada uma forma ‘respeitável’ de ganhar dinheiro para moças bem-dotadas”.

A narrativa se passa no interior rural da Inglaterra onde predominava a cultura de casamentos como mais uma relação financeira, no qual a mulher pouco tinha o que escolher, pois, em muitos casos, era a família da mulher que se submetia às propostas dos homens de famílias mais abastadas. A história inicia quando a Sra. Bennet deseja casar suas cinco filhas (Jane, Elizabeth, Kitty, Mary e Lydia). Jane Bennet se apaixona pelo Sr. Bingley, enquanto Elizabeth, a princípio, rejeita o orgulhoso Sr. Darcy. Mal-entendidos, o comportamento da família Bennet e mentiras do oficial Wickham afastam os casais. Elizabeth recusa a proposta de casamento de Darcy, mas muda de opinião ao ler uma carta onde ele explica suas ações. Após Darcy ajudar a resolver o escândalo envolvendo Lydia Bennet e Wickham, ele e Elizabeth se aproximam novamente. No final, Jane se casa com Bingley, e Elizabeth com Darcy.



Elizabeth Bennet e o Sr. Darcy são os protagonistas da obra, trazendo para o leitor uma narrativa na relação entre eles que contradiz um pouco a ideia da época de casamento lucrativo como objetivo principal. O patriarca da família Bennet afirma que Elizabeth Bennet tem “uma vivacidade que as outras irmãs não têm.” (Austen, 2009 p.15) Sobre o Sr. Darcy, “os cavalheiros classificaram-no como um belo tipo de homem, as senhoras declararam ser ele bem mais belo que Mr. Bingley, e ele foi longamente admirado, até seus modos deixarem transparecer um enfado que muito afetou sua popularidade” (Austen, 2009 p. 19).

Assim, quando trabalhamos com o livro *Orgulho e Preconceito* (2009) pela autora Jane Austen, observamos a história dos protagonistas Elizabeth Bennet e Sr. Darcy que, além de seus pré-julgamentos pessoais descritos no decorrer do romance, trazem também a temática do capital e das relações sociais.

A representação do baile no romance como instrumento de simbólico da aristocracia

As festas são reconhecidas como misturas de poder e cultura entre as classes sociais com o intuito de celebrar, socializar e demonstrar interesses de relações entre os frequentadores como quando Durkheim afirma que os indivíduos têm nas festas “uma vida menos tensa, mais livre (Durkheim, 1968 p.543), pois as cerimônias festivas e os rituais religiosos possuem a característica de “reavivar os laços sociais” (Amaral, 2020 p. 109).

Nas páginas iniciais da obra, a autora narra a noite de um baile no qual via-se a oportunidade de os convidados se divertirem e iniciarem, portanto, os primeiros contatos sociais entre os jovens que buscavam conseguir estreitar laços com as futuras pretendentes ao matrimônio. Tais festas eram comuns entre a burguesia que buscava firmar ainda mais seus patrimônios.

A festa, como expressão cultural que é, reproduz, no campo simbólico, inúmeras facetas da realidade social. Sob o seu signo coexistem e relacionam-se diferentes realidades, estabelecendo-se redes de sociabilidade por vezes complexas (Brito, 2018, p.314).

A partir dessa compreensão, a Sra. Bennet, mãe da Elizabeth Bennet, protagonista do romance, trazia consigo a ânsia de casar suas cinco filhas com rapazes bem-vistos diante da sociedade tanto no âmbito financeiro quanto de caráter, e desta forma ela



enxergou, no baile, a oportunidade de fazer suas filhas serem vistas e, como resultado, que despertassem o interesse de cavalheiros que pudessem, porventura, serem seus futuros genros.

Era imprescindível que as jovens aparecessem exalando beleza e virtudes que pudessem chamar atenção dos rapazes que ali estavam também à procura de boa companhia. “As irmãs Bennet eram igualmente bonitas, afetando um ar decididamente elegante” (Austen, 2009 p.18). É a partir dessa celebração noturna que também inicia o encontro entre os protagonistas Sr. Darcy e Elizabeth Bennet. No romance, o Sr. Darcy assim comenta sua primeira impressão a respeito de Elizabeth Bennet (Austen, 2009, p. 20) que acontece durante um baile aristocrático da região:

E, voltando-se, olhou detidamente para Elizabeth, até que esta, devolvendo-lhe o olhar, o fez desviar o seu, e friamente declarou: - É razoável, mas não suficientemente bonita para tentar-me. No momento não me sinto disposto a consolar as jovens que outros desprezaram.

E a Sra. Bennet, mãe de Elizabeth, com um pensamento patriarcal e hierárquico das classes, já forma um pré-julgamento a respeito de Sr. Darcy, uma vez que ele advindo da aristocracia inglesa, não poderia encaixar-se naquele ambiente de baile festivo. Sra. Bennet descreve-o desse modo:

[...] Mas também lhe asseguro – acrescentou – que Lizzy nada perde por não lhe agradar, pois ele é uma criatura extremamente desagradável e horrível, com quem não vale a pena gastar o tempo. Que arrogância e presunção! (...) Que ela não era suficientemente bonita para ele se tentar! (...) Detesto esse homem (Austen, 1813, p. 20).

Percebemos que as aparências físicas e sociais prevaleciam sobre as verdadeiras relações humanas, na qual o capital econômico e simbólico³ é tratado como um dos pontos centrais no romance. A Sra. Bennet atua como agente de perpetuação desse capital simbólico visando o bem-estar social de sua classe através de um bom casamento para suas filhas.

Compreendemos que a festa também é um elemento essencial na obra, pois mostra como as pessoas estreitavam laços sociais, econômicos e afetivos por conta das transformações de mercado que buscava a acumulação de capital, característica da fase inicial da Primeira Revolução Industrial.

³ Para Bourdieu (2010, p. 111), capital simbólico é entendido como o conjunto de não físicos que perpetuam o status hegemônico da burguesia, como cultura, entre outros.



O capitalismo e a interferência no casamento do século XVIII

Antes de tudo, o contexto histórico europeu do final do século XVII e início do século XIX se caracterizou pelas mudanças socioeconômicas e culturais. Ocorria a transição do feudalismo para o capitalismo, e a burguesia, por sua vez, passou a ser a classe social dominante. Os detentores do poder econômico deixam de ser os senhores feudais e passam a ser os burgueses proprietários dos meios de produção, desenvolvendo o comércio, visando o lucro de seus negócios e conquistando cada vez mais espaço no mercado.

O casamento dos personagens Charlotte Bennet e Mr. Collins mostra que o matrimônio entre eles foi feito por conveniência para que Charlotte obtivesse uma estabilidade financeira, ajudando também a sua própria família. A personagem citada justifica seu pensamento na obra.

Bem sabe que não sou romântica. Nunca fui. Desejo apenas um lar confortável. E considerando o caráter de Mr. Collins, as suas relações e a sua situação na vida, estou convencida de que tenho as mesmas possibilidades de ser feliz no casamento que a maioria das mulheres (Austen, 2009, p.95).

Portanto, nesse período, o casamento é visto como um instrumento de manutenção das classes hegemônicas, além de ser “um assunto essencial à romancista” (Dias, 2015, p.16), visto que esse era o único caminho de uma autodefinição para as garotas no início do século XIX. A personagem em questão enfatiza essa necessidade de se firmar socialmente através do matrimônio.

O Capitalismo passou a influenciar principalmente na vida pública e financeira da sociedade. Esta estava dividida entre ricos e pobres. Tal divisão também interferia nas relações socioafetivas, ou seja, os casamentos também deveriam dar lucros. Como se tratava de mais um negócio, as famílias dos cônjuges é que deveriam decidir com quem cada um de seus filhos teria que se casar.

O interesse na ascensão social através do casamento fazia com que as famílias burguesas afastassem a hipótese de tal união entre os seus e os da outra classe, surgindo assim, o preconceito social. Não era admitido que se fizesse uma negociação tão desnecessária, já que a parte mais pobre não tinha algo a oferecer, além de obter uma vantagem financeira que assegurasse o conforto e a riqueza própria. Austen (2009) ainda relata que não apenas o casamento deveria ser organizado em favor disso, mas que ainda



há o elemento patriarcal e que a mulher deveria ser dotada de “bons costumes”, como no capítulo 24, quando as personagens Elizabeth, Jane e Lizzy debatem sobre esse tema:

— A sua primeira suposição é falsa. Podem desejar muitas coisas além da felicidade dele. Podem desejar o aumento da sua fortuna e da sua importância. Podem desejar que ele se case com uma moça que tenha importância social, dinheiro, relações de alta classe e orgulho (Austen, 2009. p.121).

Porém, no decorrer do século XVIII, algumas mudanças foram sendo aceitas por conveniência. O casamento por amor passa a ser mais valorizado, mas este também buscava seus próprios interesses lucrativos. A sociedade da época sentiu a necessidade de se fortalecer mais e, por isso, foi inevitável buscar alianças também entre pessoas de classes sociais diferentes. Não era apenas o amor o objetivo de se obter um casamento, mas o fortalecimento social entre as famílias passou a ser outro requisito para tal. De acordo com Vasconcelos (1995, p. 88-89):

Essas mudanças vão se refletir diretamente no casamento enquanto instituição. (...) Por esses motivos, um dos grandes debates do período centrava-se, de um lado, no casamento por conveniência e, de outro, no casamento por amor, discutindo as vantagens e as desvantagens de ambos. O fato é que o novo imperativo do amor passou a ser um elemento fundamental que, além de valorizar a família, permitia o movimento através das classes e a aliança entre a burguesia e a aristocracia.

Na obra “Orgulho e Preconceito” estão presentes as características já citadas. A conversa entre Sr. Bennet e sua esposa, Sra. Bennet, no início da história demonstra o que foi discutido anteriormente:

- Pois saiba, meu caro, que, pelo que Mrs. Long me disse, Netherfield foi alugado por um jovem de grande fortuna, proveniente do norte da Inglaterra. (...)
- Como se chama ele?
- Bingley.
- É casado ou solteiro?
- Oh, solteiro, naturalmente, meu caro! Um homem solteiro e de grande fortuna, com rendimentos no valor de 4 ou 5 mil libras anuais. Que coisa maravilhosa para nossas filhas! (Austen, 2009, p.13-14).

É notável que a matriarca da família vê a felicidade de suas filhas através do enlace matrimonial com alguém mais rico. Isso porque a união entre pessoas de classe mais baixa com as de classe mais alta era um dos caminhos mais fáceis para a ascensão financeira. O casamento com ou sem amor, mas sim por algum interesse, ainda estava em meio à



cultura daquelas pessoas, pouco importava o que os possíveis noivos pensavam ou sentiam um pelo outro. Assim está descrito por Moore (2009, p.8):

A mudança de ideias sobre o casamento foi profunda. No início do século 18, a maioria dos casamentos entre as famílias, proprietárias de terras ou ricas, eram essencialmente acordos financeiros destinados a fortalecer alianças poderosas e trocar ou adquirir terras e propriedades. Embora as pessoas em comunidades da classe trabalhadora e agrícolas eram mais ou menos livres para escolher seus próprios parceiros para a vida - embora geralmente dentro do mesmo grupo econômico estreito e local - a grande maioria dos casamentos entre as famílias aristocráticas, rica e de classe média foi arranjada pelos pais com a futura noiva e noivo tendo pouco ou nada a dizer.

Portanto, em uma sociedade em transição para um novo modelo de mercado, o casamento também se torna mais uma maneira de gerar e manter posses e capital. Essa nova forma de organização econômica e social chegou às famílias, principalmente, a aristocracia, como mais um negócio rentável que não levava em consideração os sentimentos subjetivos em si de um casal, mas apenas uma transação que geraria lucro e manutenção de poder das classes mais altas sobre as mais baixas.

A partir da narrativa e dos diálogos apresentados na obra, podemos elencar alguns aspectos do Sistema Capitalista que perpassam a obra de forma geral, sendo: a) as relações de poder; b) o casamento e; c) o papel feminino.

METODOLOGIA

Foi feita uma abordagem direta da influência do Sistema Capitalista no espaço da obra citada, por meio da análise bibliográfica. Utilizou-se a obra *Orgulho e Preconceito* como corpus de estudo, e para a análise proposta foram trazidos estudos que embasam as discussões estabelecidas. Possui uma abordagem qualitativa da problemática apresentada (Silva, Urbaneski, 2009, p.49), na qual se discutiu “a interpretação de fenômenos e a atribuição de significados”, com vínculos objetivos e subjetivos.

Os estudos trazidos estão relacionados à obra em estudo para identificar como aquele sistema financeiro influenciava e interferia no casamento e nas formações de classes sociais. Foram comparadas, na obra, as semelhanças e diferenças entre os diversos grupos dominantes e grupos dominados, buscando compreender a realidade da época.

A pesquisa se classifica como descritiva, uma vez que “visa descrever as características de determinada população” (Silva, Urbaneski, 2009, p.50), sendo nesse sentido, a sociedade inglesa da Era Vitoriana. Ainda classificamos a pesquisa como



básica, uma vez que a metodologia deste trabalho foi “satisfazer uma necessidade intelectual pelo conhecimento e sua meta é o saber” (Gil, 1999 *apud* Silva, Urbaneski, 2009, p.49).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de *Orgulho e Preconceito*, sob a lente crítica do Capitalismo, permite compreender como as dinâmicas econômicas da Era Vitoriana ultrapassaram os limites da esfera financeira e adentraram as estruturas familiares. A lógica do mercado, voltada à acumulação de capital, transformou as relações humanas em acordos estratégicos, onde o casamento deixou de ser uma escolha afetiva e passou a ser um negócio socialmente calculado. As festas, os flertes e as propostas matrimoniais descritas por Jane Austen não são meramente românticas: carregam consigo os códigos da manutenção do *status* social, da mobilidade entre classes e da sobrevivência simbólica da aristocracia diante de uma sociedade em transição.

A estrutura familiar sofre interferências diretas. As mulheres são alocadas como peças fundamentais nesse sistema de alianças, mas com pouca autonomia sobre seus destinos. Assim, o casamento era o único caminho de adquirir uma importante posição social. Porém, não conquistava nenhum tipo de independência, apenas passava da subordinação ao pai para o marido. Todos os bens materiais que a esposa possuísse, eram imediatamente transferidos para o marido, por isso o interesse de se fazer um casamento entre pessoas de mesma posição social. Não era permitido, portanto, aos homens escolherem suas futuras esposas apenas por amor, mas sim, pelos interesses econômicos, a ascensão hierárquica na sociedade e o acúmulo de riquezas.

A figura de Elizabeth Bennet, por mais que desafie algumas convenções, ainda está inserida em uma lógica que mede o valor das pessoas a partir de seu patrimônio e posição social. A busca pelo casamento ideal revela não apenas os anseios individuais, mas a exigência coletiva de assegurar prestígio e estabilidade por meio da união. Assim, Austen expõe como os vínculos familiares e amorosos estão moldados por uma racionalidade capitalista que redefine os afetos, os deveres e as ambições sociais.

Portanto, ao retratar uma sociedade marcada pela ascensão burguesa e pela crise de valores do feudalismo, *Orgulho e Preconceito* não apenas conta uma história de amor, mas também denuncia o enraizamento da lógica do capital nas relações humanas. A influência do Capitalismo, neste cenário, não se limita à produção e consumo de bens,



mas se manifesta nas decisões íntimas dos personagens, nas normas de conduta social e na forma como o poder é negociado dentro e fora da família.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Rita. As mediações culturais da festa “à brasileira”. **Trabalhos de Antropologia de Etnologia**, v.40, n. 1-2, 2020.
- AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. 3ª edição. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- BOLIGIAN, Levon; ALVES, Andressa. Geografia: Espaço e Vivência. 1ª edição. São Paulo: Atual, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. **Novos estudos CEBRAP**, p. 105-115, 2013.
- BRITO, S. O carnaval e o mundo burguês. **História: revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, [S. l.], v. 6, 2018. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/3796>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- DIAS, Nara Luiza do Amaral. **A razão em Jane Austen: classe, gênero e casamento em Pride and Prejudice**. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.8.2016.tde-11042016-122754. Acesso em: 2025-03-08.
- DURKHEIM, ÉMILE (1968) – Les Formes élémentaires da la vie religieuse. Paris:PUF.
- FERNANDES, Ana Cláudia (org). **Identidade em Ação: ciências humanas e sociais aplicadas**. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2020.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Editora Vozes Limitada, 2015.
- HOBBSBAWM, Eric J. A era das revoluções: 1789-1848. São Paulo: Paz e Terra, 31ª edição, 2013.
- MARINA, Lúcia; TÉRCIO. **Tudo é Geografia**. 1ª edição. São Paulo: Ática, 2009.
- MOORE, Wendy (2009) Love and marriage in the 18th century, p 8 -10. Disponível em: <<http://www.muse.jhu.edu/journals/hsp/summary/v010/10.3.moore.html>>. Acesso em: 29 jun. 2013.
- NASCIMENTO, Sandra Mônica do. Uma leitura política dos casamentos no romance Orgulho e Preconceito (1813) de Jane Austen. **Revista Linguasagem**, v.19, n.1, 2012 Disponível em: www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/1239/750. Acesso em: 08 de abril de 2025.
- SILVA, Renata; URBANESKI, Vilmar. **Metodologia do Trabalho Científico**. Centro Universitário Leonardo da Vinci. Indaiá: Grupo Uniasselvi, 2009.
- VASCONCELOS, S. G. T. - **Construções do feminino no romance inglês do século XVIII**. Polifonia (UFMT), Cuiabá, v. 3, n. 2, p. 85-100, 1999.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**/. São Paulo: Pioneira, 1967.

